

# Forças de Operações Especiais em Tempos de Paz

Coronel (Res) John M. Collins, Exército dos EUA

**A**S FORÇAS de Operações Especiais ajudam a construir um ambiente de segurança internacional, preparam-se para um futuro incerto e respondem com precisão a uma variedade de crises em potencial. O seu adestramento e suas habilidades especiais permitem que operem em situações onde unidades convencionais não podem ser usadas, por motivos políticos ou militares. Outrossim, sua prioridade é a de usar a astúcia ao invés da força bruta, possuindo habilidades e adestramento especiais em operações clandestinas e delicadas, não encontradas em outro segmento das Forças Armadas.<sup>1</sup> Não existem outras tarefas permanentemente organizadas, equipadas e treinadas para a defesa interna estrangeira, guerra não convencional, ou contra terrorismo e as outras missões da mais alta sensibilidade. Fora isso, as Forças de Operações Especiais têm perícia e conhecimentos internacional e interagências sem paralelo. Suas habilidades oferecem medidas exclusivas, custo eficientes, de perfil baixo, diretas e indiretas, que aumentam a estabilidade internacional, inibindo a proliferação das armas de destruição em massa, combatendo o terrorismo e controlando o tráfico ilícito de drogas em tempo de paz.

A familiaridade entre suas áreas de responsabilidade e sua habilidade para trabalhar junto com militares estrangeiros e outras instituições, conferem às Forças de Operações Especiais uma vantagem sobre forças convencionais em situações que exijam conhecimento cultural. Os especialistas das Forças Especiais e de Operações Psicológicas e Assuntos Cívicos do Exército, além de seus similares da Marinha e da Força Aérea, têm orientação regional. O conhecimento dos fatores sociais, polí-

ticos e econômicos, e a fluência nos idiomas, lhes dá a capacidade de estabelecer relacionamentos com militares estrangeiros e com civis.

## Desafios em Tempos de Paz

As operações de defesa interna estrangeira combatem os efeitos da pobreza, ignorância, do crime e de outros males que corroem a segurança de uma nação. O sucesso em tais situações, que normalmente leva anos, não somente promove a paz e a estabilidade, como também reduz progressivamente a dependência dos Estados Unidos. As unidades das Forças de Operações Especiais ecléticas, que acompanham a evolução em suas respectivas áreas de interesse, estão melhor preparadas para desempenharem tais missões.

Várias vantagens são evidentes. Unidades pequenas e auto-suficientes das Forças de Operações Especiais operam com eficiência em circunstâncias severas, com baixos requisitos em infra-estrutura de apoio. Objetivando os interesses dos EUA, as campanhas das Forças de Operações Psicológicas moldam a opinião pública; e os programas de ação cívica ajudam a população local, como ocorreu no Haiti, onde menos de 1,200 militares do Comando Sul se tornaram o governo de facto. Tais esforços não tradicionais aprimoram as habilidades das Forças de Operações Especiais, enquanto que as organizações de combate convencionais tendem, com o tempo, a perder a sua margem de vantagem em missões similares.

O instituição militar é, muitas vezes, a de maior influência nos países em desenvolvimento, até mesmo em democracias nominais. Forças armadas estrangeiras que podem deter ou vencer ameaças externas e internas, sem violar as leis internacionais ou usar de

meios repressivos, servem aos interesses dos EUA, mantendo a estabilidade, paz internacional e os direitos humanos.

### **A Ameaça das Armas de Destruição em Massa**

A aquisição de relativamente poucas armas de destruição em massa com sistemas de lançamento confiáveis podem converter um pequeno e agressivo país numa potência regional do dia para a noite. Bombas do tamanho de pequenas malas podem multiplicar o poder e a ameaça dos terroristas e cartéis de drogas. O Presidente Clinton avisou que “a proliferação de armas nucleares, biológicas e químicas... constitui uma ameaça diferente e extraordinária à segurança nacional, à política externa e à economia dos Estados Unidos” e declarou “uma emergência nacional para lidar com essa ameaça,” que persiste apesar dos acordos sobre o controle de armas assim como sobre a exportação.<sup>2</sup>

Uma inteligência detalhada – essencial para as políticas de contra-proliferação, os planos, programas e as operações – é difícil de obter porque a cobertura, o encobrimento, a dispersão e a dissimulação são usados para ocultar a atividade em volta das armas de destruição em massa durante cada estágio de sua pesquisa e desenvolvimento, bem como sua produção, armazenamento e desdobramento. Táticas de dissimulação podem enganar os espiões do céu como aconteceu durante os testes nucleares da Índia em maio de 1998. Portanto, a tecnologia dual, torna difícil para os sensores distantes distinguirem entre projetos ilícitos e legítimos. Nem toda usina nuclear, por exemplo, cria plutônio com qualidade necessária para uma arma nuclear. Plantas industriais que poderiam fabricar agentes biológicos se parecem com as plantas que produzem vacinas. Normalmente, plantas farmacêuticas modernas incorporam procedimentos para a remoção de lixo e de segurança associados, no passado, com as plantas para a produção de agentes químicos para uso militar.

Sob circunstâncias favoráveis, as Forças de Operações Especiais podem confirmar provas colhidas por outros meios e providenciar a informação que faltava e que não havia sido identificada pelos meios convencionais. Isto pode incluir a participação em programas entre agências e utilização do sistema de inteligência internacional para localizar, identificar e seguir os ingredientes das armas nucleares, biológicas e químicas abordo de navios e aeronaves, indo ou voltando de um provável fornecedor. Instruídas, as Forças de Operações Especiais poderiam colher água e amostras do solo na vizinhança das instalações suspeitas para detectar a presença de resíduos radioativos depositados pelos processos da extração do plutônio e enriquecimento do urânio. Equipes clandestinas podem investigar rastros de-

---

*O Comando Sul é o único componente do Departamento de Defesa com a responsabilidade legal de planejar e conduzir operações contra o terrorismo (contramedidas ofensivas). Comandantes militares, em todos os níveis, em conjunto com as agências federais, estatais e da polícia local, dividem responsabilidades anti-terroristas (proteção passiva). Mas, as unidades das Forças de Operações Especiais desenvolveram táticas e técnicas tão inovadoras que muitas agências federais aproveitam sua perícia. Unidades de Missões Especiais, por exemplo, ajudaram no planejamento de segurança para as Olimpíadas em Los Angeles.*

---

xados pelo metilfosfonato que indiquem a produção de gás nervoso ou aumentar buscas oficialmente aprovadas tais como as conduzidas pelas Nações Unidas no Iraque.

### **Artes Negras**

A sabotagem envolve operações secretas para causar dano ou destruir os suprimentos dos inimigos, suas instalações, e infra estrutura, incluindo o material associado às armas de destruição em massa. Forças de Operações Especiais experientes em demolições, meios incendiários e outros podem atacar sítios confirmados das armas de destruição em massa, quando mísseis e outros ataques convencionais aéreos não forem apropriados.

Mesmo que nenhuma lei ou estatuto proibam o seqüestro, tais ações são consideradas das mais delicadas operações clandestinas.<sup>3</sup> Manuel Noriega, antigo líder panamenho, teve Unidades de Missões Especiais a caçá-lo durante a Operação Causa Justa, e débeis tomadas de decisão por parte das Nações Unidas têm, similarmente, afetado os esforços para a apreensão de notórios criminosos de guerra sérvios na Bósnia.

Os seqüestros que interferem nos programas de armas nucleares seriam mais proveitosos do que aqueles que têm como alvo os projetos de guerra biológica ou química, que exigem menos perícia para executar. Cientistas, técnicos e administradores de programas que desenvolvem armas de destruição em massa constituem um alvo potencialmente lucrativo. Mas os que tomam essas decisões têm menosprezado tais ameaças, principalmente por causa de sua condição de não combatentes durante a paz, mesmo que pro-



Forças Especiais a bordo de uma lancha de patrulha em uma via fluvial na Bolívia.

Fotos: Departamento de Defesa

***Unidades pequenas e auto-suficientes das Forças de Operações Especiais operam com eficiência em circunstâncias severas, com baixos requisitos em infra-estrutura de apoio. . . . Mesmo que muitos elementos das Forças de Operações Especiais treinem dentro dos Estados Unidos, as operações militares de não guerra levam outros ao exterior. As Forças Especiais do Exército, por exemplo, passaram uma terça parte do tempo em tarefas no exterior no ano de 1998.***

porcionem ao inimigo uma enorme capacidade na guerra.

A Ordem Executiva 12333, de 4 de dezembro de 1981, ainda em vigor, explicitamente afirma que “nenhuma pessoa empregada por ou agindo em nome do Governo dos Estados Unidos se envolverá com, ou entrará numa conspiração para envolver-se num assassinato... Nenhuma agência da comunidade de inteligência participará em ou pedirá a quaisquer pessoas para participarem em atividades proibidas por esta ordem.” Esta declaração proíbe tais ações por parte de parceiros ou dos norte-americanos, mesmo quando em termos específicos ou econômicos de suas necessidades de força, custo e baixas civis.

A maioria das opções de contra proliferação, disponíveis às Forças de Operações Especiais, têm pouco apelo e são arriscadas, mas a inação pode permitir que líderes sem escrúpulos usem as armas de destruição em massa, com efeitos debilitantes e desastrosos.

## **Contraterrorismo**

Os terroristas que promovem as causas sócio-políticas usam a violência pública, impessoal e repetitiva, ou ameaças de violência com a intenção de propagar a inse-

gurança. Interferem com a rotina da comunidade de tal forma que aceitar suas demandas, eventualmente, pareceria ser preferível a continuar resistindo.

Os Estados Unidos nunca sofreram atos terroristas em larga escala. Nenhum indivíduo ou grupo, por exemplo, tentou explorar a explosão que ocorreu no *World Trade Center*, em 1993, o edifício Federal na cidade de Oklahoma dois anos depois, ou o Khobar Towers, em 1996. Porém, os terroristas com armas de destruição em massa portáteis poderiam causar danos terríveis. Até mesmo um trote bem planejado poderia alcançar suas metas políticas. A lista de alvos poderia incluir centros de comércio, de informática, meios de transporte e de comunicação, suprimentos de água, estações de energia, fábricas petroquímicas e reatores nucleares.

O governo americano ativa programas de combate ao terrorismo doméstico e internacional. Apesar das limitações legais tais como o *Posse Comitatus Act* que não permitem o uso total das capacidades militares dentro do país,<sup>4</sup> o Presidente pode ultrapassar as restrições com aprovação do Congresso e das cortes, caso surja uma ameaça de proporções que justifique tal ato.



Helicópteros *MH-53J Pave Low III* sobrevoando a base aérea britânica de Mildenhall.

*Auto-suficientes, altamente motivadas, soberbamente adestradas Forças de Operações Especiais, especialmente aquelas com conhecimento de idiomas e múltiplas culturas, parecem ser idealmente adaptadas para muitas missões que as forças convencionais não podem assumir com tamanha eficiência e economia dentro da “zona nebulosa”, entre a paz e a guerra. Equipes de treinamento sigiloso, programas informativos e ação civil podem fomentar a boa vontade e, rotineiramente, aumentar a influência norte-americana ao redor do mundo. Outrossim, o Presidente e o Congresso poderiam reduzir os constrangimentos políticos e legais que inibam o emprego das Forças de Operações Especiais, caso um inimigo com armas de destruição em massa se torne uma ameaça aos Estados Unidos ou a seus aliados.*

O Comando Sul é o único componente do Departamento de Defesa com a responsabilidade legal de planejar e conduzir operações contra o terrorismo (contramedidas ofensivas). Comandantes militares, em todos os níveis, em conjunto com as agências federais, estatais e da polícia local, dividem responsabilidades anti-terroristas (proteção passiva). Mas, as unidades das Forças de Operações Especiais desenvolveram táticas e técnicas tão inovadoras que muitas agências federais aproveitam sua perícia. Unidades de Missões Especiais, por exemplo, ajudaram no planejamento de segurança para as Olimpíadas em Los Angeles.

A responsabilidade principal relativa ao terrorismo dentro do país é do *FBI* e no exterior, é da *CIA*. As unidades de Missões Especiais do Comando Sul têm habilidades especiais que os comandantes podem usar sob certas circunstâncias, mas o uso rotineiro levantaria suspeitas entre os aliados e amigos que pressentem a intromissão da inteligência estrangeira em seu território e poderia prejudicar a habilidade das Forças de Operações Especiais no cumprimento das missões de assistência e assessoramento no exterior.

Na ausência de inteligência confiável, as Forças de Operações Especiais são incapazes de conduzir ataques

	Pessoal Autorizado FOE	Total de Horas fora dos EUA	Média de Horas fora dos EUA	Total de Países Envolvidos
Forças Especiais	9,767	53,600	1,031	116
Comando de Operações Especiais da Força Aérea— <i>Air Wings</i>	10,132	15,493	298	54
Assuntos Cívicos	5,359	13,536	260	84
Forças Especiais de Mar, Ar e Terra da Marinha (SEAL)	2,528	17,164	330	77
Operações Psicológicas	3,854	9,595	185	65
Embarcações Especiais	2,352	12,940	249	50
Comandos	1,898	1,585	30	12
Operações Especiais Aéreas	1,665	1,129	22	11
Táticas Especiais	450	2,215	43	49
Quartel-General FOpEsp e Comandos de Operações Especiais	2,920	3,528	68	63
<b>Total</b>	<b>40,925</b>	<b>130,785</b>	<b>2,515</b>	<b>150</b>

Figura 1. Desdobramento das Forças de Operações Especiais fora dos EUA (Ano Fiscal 00)

	Total de semanas em Ultramar	Porcentagem de semanas em Ultramar	Países
Comando Unificado			
Comando do Pacífico/ EUA	39,795	27	29
Comando Europeu / EUA	55,212	38	66
Comando Sul /EUA	21,681	15	34
Comando Central/ EUA	28,607	20	17
Comando de Forças Conjuntas	1,396	1	4
<b>Total</b>	<b>146,691</b>	<b>—</b>	<b>150</b>

Figura 2. Áreas de Operações das FOpEsp (Ano Fiscal 00)

antecipados contra terroristas. A experiência recebida de operações deste tipo é limitada. As Unidades de Missões Especiais são peritas na prática, no resgate de reféns. No entanto, o mais recente evento desta natureza ocorreu em dezembro de 1989, durante o *Just Cause* (Causa Justa), quando um suposto agente da CIA foi libertado de uma prisão no Panamá, antes que os guardas o pudessem matar.

## Operações Contra Narcóticos

As medidas ativas para detectar, monitorar e desencorajar, interromper ou interditar a produção e distribuição de drogas ilegais formam a base das operações contra narcóticos. As Equipes de Forças de Operações Especiais, com conhecimento da área, completaram mais de 190 missões desta espécie durante o ano fiscal de 1997 respondendo aos pedidos dos Comandantes-em-Chefe\* das missões das Nações Unidas. A maioria delas ajudaram os militares na América Latina.

Nem toda operação contra narcóticos é perigosa. Oficiais da reserva, associados com o desenvolvimento profissional das Forças de Operações Especiais, colaboram para o conhecimento da ameaça entre os Oficiais Superiores e os funcionários civis enquanto que equipes de apoio de informação militar das Operações Psicológicas ministram aulas para crianças nas escolas. Um esquadrão do Comando de Operações Especiais da Força Aérea, com enfoque

na defesa interna estrangeira, ensina as tripulações aéreas das nações anfitriãs a manter as aeronaves de asa fixa e rotativa, sem as quais poderiam cobrir apenas uma fração do território onde operam os produtores e traficantes de drogas.

Os eventos recentes no Peru tomaram um novo rumo quando os traficantes, que estavam perdendo aeronaves em grande número, começaram a transportar maiores quantidades de coca por embarcações desde seus esconderijos nos Andes aos centros de processamento na Colômbia. Para combatê-los, um grupo de 30 americanos, principalmente membros das Forças Especiais do Exército e Seals da Marinha, estabeleceram uma base de treinamento ribeirinha, para as forças locais de combate ao narcotráfico, em Iquitos, onde vários rios montanhosos navegáveis se unem na parte superior do rio Amazonas. As instruções para reduzir ou impedir o transporte fluvial de drogas aplica lições aprendidas no delta do rio Mekong e na Zona Especial do Rung Sat, ambas no Vietnã do Sul, há uns 30 anos. Ainda é cedo para prever se as operações de bloqueio serão bem sucedidas, mas o cultivo da coca já mudou radicalmente do Peru para a Colômbia, em parte porque os embarques de droga pelas vias fluviais interiores são demasiado lentos para os narcotraficantes.

Os cartéis colombianos, criminosos transnacionais e insurgentes, colaboram para multiplicar suas respectivas capacidades. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), em troca de um ganho da ordem de \$60 milhões por mês, protegem as plantações de coca e ópio, os laboratórios de processamento e as pistas de pouso, contra as ações dos militares e da polícia colombianas. Os sindicatos

\*Comandante-em-Chefe — são os comandantes dos Diversos Comandos Estratégicos Regionais (Comando Sul, Comando do Pacífico, Comando da Europa, etc.)—Nota da Editoria Brasileira

do crime russos fornecem aos cartéis, assim também como à FARC, armas em troca de cocaína, dando-lhes maior poder de fogo do que têm muitos exércitos. Portanto, a Colômbia ficou frustrada quando os Estados Unidos retirou, anos atrás, o seu apoio e terminou com a transferência àquele país de equipamento militar e de grande parte do treinamento quando foi relatado que o governo colombiano estava com um rendimento baixíssimo nas ações contra os traficantes. Como uma exceção a esse boicote, o pessoal das Forças de Operações Especiais ministra instruções na área de inteligência, reconhecimento e, patrulhas de combate, táticas de infantaria e contra terrorismo. No entanto, como outras entidades norte-americanas, estão proibidos de participarem diretamente das operações contra guerrilha.

### O preço do Sucesso

O extensivo desdobramento das Forças de Operações Especiais de alta demanda e baixa densidade fora do continente americano durante o ano fiscal 1997, indicou como elas são valorizadas pelo Secretário de Defesa, pelo Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, *Chairman* e pelos comandantes-em-chefe, em função de suas contribuições em situações de quase guerra. De fato, as Forças de Operações Especiais são tão apropriadas para muitos problemas de segurança ao redor do mundo que existe uma tendência a exagerar o seu emprego, como indica uma comparação entre a força autorizada e os desdobramentos. As concentrações permanecem maiores na Europa e na região do Pacífico (veja figura).

Mesmo que muitos elementos das Forças de Operações Especiais treinem dentro dos Estados Unidos, as operações militares de não guerra levam outros ao exterior. As Forças Especiais do Exército, por exemplo, passaram uma terça parte do tempo em tarefas no exterior no ano de 1998. Dois grupos ativos tinham a maior carga, já que os outros três e as unidades da Guarda Nacional do Exército são orientados para áreas que relativamente tem poucos requerimentos. A Reserva do Exército dos EUA, que contém 24 dos 25 batalhões de Assuntos Cívicos e quase 70 por cento

das organizações de Operações Psicológicas do Exército, arcou com uma carga desproporcional. O pessoal da Guarda Nacional Aérea, que faz parte de um grupo exclusivo de comunicações que apóia os comandantes-em-chefe mundo afora, praticamente encontravam com si mesmos entrando e saindo do campo. Isso é parte do preço do sucesso das Forças de Operações Especiais.

Auto-suficientes, altamente motivadas, soberbamente adestradas Forças de Operações Especiais, especialmente aquelas com conhecimento de idiomas e múltiplas culturas, parecem ser idealmente adaptadas para muitas missões que as forças convencionais não podem assumir com tamanha eficiência e economia dentro da “zona nebulosa”, entre a paz e a guerra. Equipes de treinamento sigiloso, programas informativos e ação civil podem fomentar a boa vontade e, rotineiramente, aumentar a influência norte-americana ao redor do mundo. Outrossim, o Presidente e o Congresso poderiam reduzir os constrangimentos políticos e legais que inibam o emprego das Forças de Operações Especiais, caso um inimigo com armas de destruição em massa se torne uma ameaça aos Estados Unidos ou a seus aliados.

De qualquer forma, vários fatos sobre as operações Especiais advertem contra o desdobramento em massa:

- seres humanos são mais importantes que o equipamento;
- a qualidade é mais importante que a quantidade;
- Forças de Operações Especiais não podem ser fabricadas em série;
- Forças de Operações Especiais competentes não podem ser criadas após a ocorrência de uma emergência.

As Forças de Operações Especiais experientes constituem um instrumento discreto de poder nacional, um recurso valioso que levaria anos para reconstruir se mal empregado. Os líderes americanos estariam melhor instruídos a usá-las em missões para as quais estão excepcionalmente qualificadas para operarem em tempos de paz e guerra, enquanto se leva em conta as possibilidades e limitações de suas singulares capacidades. **MR**

---

### REFERÊNCIAS

1. Título 10, seção 167 do Código dos EUA identifica Forças de Operações Especiais como “forças centrais ou forças de apoio no Plano Conjunto de Capacidades Estratégicas, Anexo E.” Isto exclui as Unidades de Fuzileiros Navais Expedicionárias (Capacidade em Operações Especiais), que são essencialmente forças-tarefas convencionais, e as unidades de Assuntos Cívicos da Reserva dos Fuzileiros Navais, que geralmente fornecem apoio tático às forças expedicionárias.

2. Veja Ordem Executiva 12938, “Proliferação das Armas de Destruição em Massa,”

e o acompanhamento “Carta aos Líderes do Congresso sobre a Proliferação das Armas de Destruição em Massa” (14 de novembro de 1994).

3. Para uma discussão sobre tais operações, veja John M. Collins, “O assassinato e o Sequestro como Ferramentas da Política Nacional” (Norfolk: Escola de Estado-Maior das Forças Armadas, março 17 de 1965).

4. Título 18, seção 1385, Código dos EUA, “Uso do Exército e da Força Aérea como Posse Comitatus.”

---

*O Coronel (Res) John M. Collins, serviu como especialista superior da defesa nacional junto ao Serviço de Pesquisa do Congresso (Congressional Research Service) na Biblioteca do Congresso, e é autor de onze livros.*